

**A Professora que deu a luz na  
sala de aula**



**Guilherme Cardoso**

**A**  
**Professora**  
**que**  
**deu a luz**  
**na**  
**sala de aula**

1ª Edição  
Belo Horizonte  
Edição do Autor  
2012

**Copyright**© Guilherme Cardoso

**Capa:** Can Stock

**Ilustrações:** Can Stock

**Diagramação:** Márcio Rubens C. Cardoso

**Revisão:** Guilherme Tel.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cardoso, Guilherme.

A Professora que deu a luz na sala de aula /  
Guilherme Cardoso. -- 1. Ed. -- São Paulo:  
Perse, 2012.

ISBN 978-85-912186-3-9

1. Ficção - Literatura infanto juvenil

I. Título

12.06911

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infanto-juvenil 028.5

Aos meus quatro filhos homens, hoje adultos, que um dia foram crianças e adolescentes, e aos atuais quatro netos, João Vitor, de 12, e trigêmeos, Ana Luiza, Lucas e Matheus, de cinco anos.



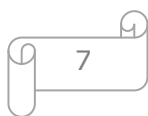
**E**la dava aulas de Ciências para alunos da 7ª série de um colégio particular. De manhã.

O salário era insuficiente e por isso precisava lecionar em mais duas escolas. Uma, da rede pública na parte da tarde, outra, particular, no horário da noite.

Procedimento comum para a maioria dos professores brasileiros, com os mais baixos vencimentos das categorias profissionais.

A rotina de trabalho dessa professora é das mais estressantes. Bem parecida com a de milhões de brasileiros que utilizam do carro ou do transporte de massa para se locomover nas grandes cidades.

Sai de casa na madrugada, pega metrô, dois ônibus, fica horas parada no congestionamen-



to, nunca chega de volta antes das 10 horas da noite.

Casada, 32 de idade, um filho de três anos, Daniela e o marido fazem mágicas todos os dias para dar conta do recado.

Sem parentes dela e do marido por perto, o garoto é levado para uma escolinha maternal em horário integral. E buscado pelo pai quando sai do trabalho, às 17 horas.

De segunda à sexta-feira é aquela ladainha de choros e lamentações na hora de se despedir do filho, mal acordado.

— Tchau, meu filho. A mamãe te adora!

— Não vai não, mamãe. Deita aqui comigo.

Lágrimas de dor e impotência escorrem pelo rosto de Daniela, a mãe-professora, ao ouvir aquelas doces palavras daquele ser pequenino que



tanto ama e que lhe pede tão pouco. E que não pode ser atendido.

“Ah, se eu pudesse, ganhasse na Mega Senna, pior que nem jogo, chutaria tudo pra cima, largaria meus empregos e ficaria só por conta do meu pequenino Gabriel”. Pensa ela, encostada na porta entreaberta, pronta para sair e entrar no primeiro emprego.

Ritual de cinco dias, o ano todo.

Por mais que se incomode e sofra com as ausências e despedidas, Daniela sabe que tem que ser forte, é preciso suportar, afinal, as necessidades financeiras da família falam mais alto. Ela é o esteio.

E há um projeto de vida a ser cumprido.

**D**ificuldades, Daniela sempre enfrentou desde que nasceu. Só não passou fome em casa. Família pobre, ela e mais três irmãos, dinheiro era curto, chegava pingado, o pai era cambista, vendia bilhetes de loteria nas ruas.

Para comer, só o essencial: arroz, feijão, farinha, e uma vez ou outra, carne de segunda. Dentro de casa somente o básico: cama de casal, quatro outros colchões no chão, fogão de quatro bocas, às vezes tinha gás, outras vezes não, e um velho armário de cozinha com algumas panelas.

Um velho rádio de mesa, grande, ligado o dia todo, em programas de futebol. Enquanto vivo, o pai era ouvinte assíduo. Um televisor antigo, de válvulas, na sala, onde à noite todos se juntavam para ver as novelas do momento.

Geladeira, televisão em cores e máquina de lavar roupas só veio a conhecer depois de casada.

Casar, ter filhos, manter um padrão básico de vida, sem luxo, numa cidade grande é necessário juntar esforços e salários. Despesas é que não faltam.

Aluguel de apartamento, condomínio, contas de celulares —telefone fixo caiu de moda— armazém, sem os supérfluos e mensalidade da escolinha maternal, consomem todo o rendimento do casal.

Poupança, nem pensar.

Em casa, Daniela é quem ganha mais. Dá aulas em três lugares. Luiz, o marido, recebe pouco e trabalha muitas horas, num só emprego.

Pouca instrução, ele veio do interior, não conseguiu completar o segundo grau. É vendedor numa loja de roupas masculinas em um *shopping*

na zona sul da cidade. Recebe salário mínimo, mais comissão.

Luiz trabalha na zona sul, mora na zona norte, do outro lado. São duas conduções para ir, e duas para voltar.

De tanto perder tempo no trânsito, ficar horas dentro de ônibus no engarrafamento, no ir e no vir de todos os dias, Luiz decidiu comprar uma motocicleta, mesmo contra a vontade da esposa.

Carro, mesmo usado, estava fora do orçamento da família. E também não resolveria o problema do tempo gasto no trânsito. Seria mais um veículo para aumentar o engarrafamento nas grandes cidades.

Comprou uma moto dessas pequenas, baixa cilindragem, que mal fazem 60 quilômetros por hora. Não precisava mais que isso. Com ela, pen-

sava ele, ficaria mais rápido ir para o trabalho e levar e buscar o filho na escolinha.

Deu uma pequena entrada, quinhentos reais, e financiou o resto em 36 prestações de 145 reais. Era o que imaginava caber no orçamento. Não era o que pensava a esposa, quando ele chegou em casa todo contente com a nova moto.

Daniela xingou, mostrou-lhe as contas da casa, algumas do mês passado, sem pagar. Chamou-o de irresponsável, alienado, será que não tem conhecimento dos perigos que é andar de moto nesse trânsito infernizado, quantas pessoas têm sofrido acidentes, muitos fatais, com mortes?

— Se ainda morresse, tudo bem! Pior é ficar aleijado, paraplégico, sem poder trabalhar, imóvel numa cama pelo resto da vida—Disse Daniela, quase deixando a linguíça queimar na panela.

— Mas, eu vou andar com prudência, devagar, obedecendo as leis de trânsito. Vou tirar carteira para dirigir— Quis amenizar.

— E você pensa que basta seguir direitinho no trânsito que nada vai acontecer? E os outros que não obedecem nada, saem dirigindo em ziguezague, em altas velocidades e até embriagados?—Retrucou Daniela.

— E tem mais: Se você pensa que vai levar o Gabriel na garupa para a escola está enganado. Para remediar o errado que fez, o melhor é usar a moto para arranjar alguma entrega de pizzas à noite. Pelo menos alivia as despesas.—E pôs fim à conversa.

Negócio feito, não dá para ser desfeito, o jeito é tocar pra frente.

**M**esmo chateado com as palavras da esposa, com a dramatização de que o orçamento de casa não aguentava mais prestações e que ele era um irresponsável, Luiz sabia que Daniela tinha alguma razão, especialmente no quesito de perigos no trânsito.

Não gostou mesmo foi de não poder levar o filho de moto para a escola.

Além de não ter papas na língua, dizer sempre o que pensava, nunca levar desaforos para casa, Daniela tinha uma sensibilidade muito exacerbada, a flor da pele, que a fazia ficar arrepiada quando tinha maus pressentimentos. E ela tinha sempre. As amigas diziam serem poderes paranormais.

Para ela, apenas preocupação de mãe.